

ACFES MAIORES DE 23 ANOS
LÍNGUA PORTUGUESA

Prova-modelo

Instruções

LEIA COM TODA A ATENÇÃO

- O tempo de duração desta prova é de 120+30 minutos.
- Os telemóveis deverão ser desligados durante toda a prova e os objetos pessoais deixados em local próprio da sala de exame.
- O estudante deverá responder à prova na(s) folha(s) de respostas da prova e preencher o cabeçalho e todos os espaços reservados à sua identificação com letra legível.
- Verifique no momento da entrega da(s) folha(s) de respostas da prova se todas as páginas estão rubricadas pelo vigilante. Caso necessite de mais do que uma folha de respostas da prova, deverá numerá-las no canto superior direito.
- Em caso algum serão aceites folhas de respostas da prova dobradas ou danificadas.
- Exclui-se, para efeitos de classificação, toda e qualquer resposta apresentada em folhas de rascunho.
- Deve respeitar os espaços que são dados para as respostas.

A PROVA

- Esta prova é constituída por 3 (três) páginas e termina com a palavra **FIM**. Verifique o seu exemplar e, caso encontre alguma anomalia, dirija-se ao professor vigilante nos primeiros 15 minutos da mesma, pois qualquer reclamação sobre defeito(s) de formatação e/ou de impressão que dificultem a leitura não será aceite depois deste período.
- Utilize unicamente tinta azul ou preta.
- Seja claro nas suas respostas e escreva com letra legível, seguindo a norma ortográfica em vigor. As suas respostas devem demonstrar que compreendeu as perguntas, elas devem ainda demonstrar que a sua expressão escrita possui qualidade necessária para a frequência de um curso do 1.º ciclo de estudos do Ensino Superior.
- Esta prova tem a cotação de 20 valores.

PARTE I

Leia o texto seguinte e responda às perguntas:

Caderneta Escolar

Sou um desses mestres anómalos, etiquetados «de aviário» pelos clássicos bem-pensantes, que não fazem do ensino carreira, e que oferecem os seus eventuais talentos, muito à semelhança dos *condottieri* renascentistas, a quem mais evidentemente aproveitarem. Durante dezanove anos fui docente da Escola Superior de Jornalismo, e tenho andado a distribuir os meus serviços pela Universidade Católica, pela Fundação de Serralves, pela Fundação Dom António Ferreira Gomes, e por instituições que me empregam como orientador dessas comunidades de leitores que constituem belíssima iniciativa do Instituto Português do Livro e das Bibliotecas.

Nunca realizei exames de promoção na hierarquia de um ofício que concebi como paralelo à atividade de escritor, a qual prioritariamente abracei, mas que jamais se manifestou divorciada de diferentes lides, executadas com maior ou menor grau de subalternidade. Significa isto que escrever se me tornou irresistivelmente ensinar, e que dar aulas se me converteu numa forma de criação literária, espaiada num suporte invisível, mas tanta vez provocatório como o melhor papel Whatman, e amparada numa pena que se pretendia certa, quando não empolgante.

Todo este trem de vida, será necessário aduzi-lo?, me remeteu a um certo areal de marginalidade, convocando sobre mim o vítreo olhar de esquelha que vai nisso implicado, e que não será difícil de imaginar. Que me desculpem os teóricos que sinceramente admiro, e que são pedagogos ilustres, mas a minha pertença, muito mais àqueles que tecem a sua escrita, inspirados pela própria ensinança, do que àqueles que desenvolvem esta, apoiados na escrita dos outros, contemplou-me com empresa difícil de administrar, e sobretudo árdua de partilhar. O poeta que leciona, e toma-se aqui o substantivo no seu mais amplo sentido, o de druida, ou o de xamã, conforma em geral personalidade à mercê de variados ataques, e desde logo dos que despedem quem não alcança, e portanto se reputa de erudito saudável, falar corajosamente «em línguas».

Mas é da caderneta escolar, e de tudo quanto em tal conceito se envolve, que mais me apetece tratar aqui. Boa parte dos meus ex-alunos atingem agora a dimensão civicamente participativa, e um considerável grupo deles ascendeu a notórios lugares, sobretudo na área da Comunicação Social. Foram quase todos estes discentes que respeitei, e a verdade é que nunca escondi a minha simpatia pelos mais aptos, e pelos mais trabalhadores, verificando afinal a exatidão das impressões gerais que, adquirida uma determinada experiência, se torna inseparável do magistério. Daí que me seja, não apenas



grato, mas imperativo, satisfazer diversas solicitações de que sou objeto, ora para entrevistas, ora para colaborações, tarefas que só um sujeito ridículo, zelador de hipotéticos percursos biografáveis, se atreveria a recusar. Poderão verberar-me a excessiva frequência da praça pública, mas ninguém me acusará de falhar na prática do diálogo com aqueles que se sentaram diante da minha secretária, e com quem dividi a percepção das flutuantes fronteiras que separam a literatura do jornalismo.

Houve também, é claro, quem não perdoasse as reprovações inevitáveis, utilizando uma tribuna de passagem para desferir a solerte facada vindicativa. Destes porém, juro pelos santos da minha devoção, tenho procurado derivar a sabedoria disponível, essa que Óscar Wilde testemunhou, iluminado pela habitual inocência da herança que deixava, ao afirmar que «todos quantos são incapazes de aprender acabam enveredando pelo ensino.»

Também eu assimilei poucas coisas, e se me aconteceu reter um punhado de nomes, principio devagar a endereçá-los ao esquecimento.

Mário Cláudio

IN: O Eixo da Bússola. Quasi Edições, Vila Nova de Famalicão, 2007, pp. 137-139

1. O autor do texto diz-se, logo na primeira linha, ‘mestre anómalo’... Acha que, de facto, ele merece a etiqueta de mestre ‘«de aviário»’? Justifique a sua opinião. (Resposta: até 10 linhas) (4 valores)
2. Elabore, por palavras suas, um resumo da parte do texto que começa por MAS É DA CADERNETA ESCOLAR... até ao fim. (Resposta até 15 linhas) (4 valores)
3. Escreva um significado para cada uma das seguintes expressões (Resposta: até 6 linhas) (3 valores)
 - 3.1 - *Todo este trem de vida*
 - 3.2 - *será necessário aduzi-lo?*
 - 3.3 - *me remeteu a um certo areal de marginalidade*

PARTE II

Leia com atenção o seguinte trecho:

O presente

ESTOU aqui sentado ao computador, a preparar o Jornal, longe da SIC porque o estúdio está em obras, estou esta semana na Edimpresa, a meio da tarde, sozinho na sala grande, o televisor ligado na SIC-Notícias, e ouço primeiro que lhes acaba de chegar uma notícia de última hora, olho depois e compreendo, a imagem e a frase, um avião vai aterrar de



emergência em Los Angeles, não aterrou, vai aterrar, toda a diferença se me conseguir explicar, pico outros canais de notícias, ingleses, americanos, todos com o mesmo, nada mais natural, eis a televisão na sua pujança, você está a assistir ao presente, não apenas o passado, as frases e os apresentadores explicam que dispõem de poucas informações, mas há uma que basta, o avião às voltas a perder gasolina, vai fazer-se à pista em dificuldades, os meus colegas relatam o possível, se fosse a minha hora de ali estar teria de fazer o mesmo, contamos segundos, falamos de segundos, mas não se pensa muito nos segundos, e eu aqui sozinho a escrever a crónica para o EXPRESSO ponho-me a pensar que às vezes queria tempo para pensar mais um bocadinho, pesar prós e contras de acompanhar o presente, porque o presente é que o avião começa a descer e todos sabemos que há duas hipóteses, que é correr bem ou correr mal, e claro que temos de estar em direto, digo eu jornalista, mas nos últimos anos aqui um fundo de mim que preferia não ser jornalista nestas ocasiões, decidir se mostro isto, se continuamos a dizer, repare como o avião se aproxima da pista e você pode observar, em directo e a cores, o cataclismo ou o milagre, inclinamo-nos na cadeira e levantamos o volume, ora deixa cá vê-los, mortos em potência, isto, isto tão natural, intuitivo para os jornalistas, claro que temos de acompanhar em direto, deixou de ser natural para mim, ainda que tenha já aterrado e está tudo bem e aposto que se ouvem palmas, pergunto sempre. E no dia em que for uma bola de fogo e gritos, que nos fica? Uma glória de ter dado este presente?

Rodrigo Guedes de Carvalho

IN ÚNICA | 3 Março 2007 | Expresso

Elabore uma composição na qual deverá incluir obrigatoriamente a seguinte estrutura:

- **Introdução** - apresentação e contextualização do assunto em discussão; (3 valores)
- **Desenvolvimento** - exposição dos argumentos apresentados (favoráveis e/ou desfavoráveis); (3 valores)
- **Conclusão** – apresentação da sua opinião sobre o assunto, devidamente justificada. (3 valores)

(Resposta: até 35 linhas)

FIM

